

Uma interpretação analítico-comportamental da solidão da mulher negra

(A behavioral-analytic interpretation of Black women's loneliness)

Táhcita Medrado Mizael*,^{1,2}, Sarah Carolinne Vasconcelos Barrozo**,³
e Maria Helena Leite Hunziker*,⁴

*Universidade de São Paulo (USP)

**Universidade Federal do Pará (UFPA)

(Brasil)

RESUMO

Recentemente surgiram estudos sociológicos que destacam como as experiências geradas pela intersecção de pelo menos dois marcadores sociais, como raça e gênero, produzem experiências ímpares que compõem o que se denominou de “solidão da mulher negra”. Mulheres negras relatam o sentimento de que são preteridas pelos homens que, em geral, preferem se relacionar afetivo-sexualmente com mulheres brancas. Este fenômeno também está relacionado ao abandono parental e à ausência de interações consideradas significativas com outras pessoas, sendo descrito, às vezes, como sentir-se insignificante. O objetivo do presente trabalho foi realizar uma interpretação analítico-comportamental da solidão da mulher negra, apontando alguns determinantes ontogenéticos dessa solidão, e destacando a importância de se analisar as variáveis culturais para uma análise mais abrangente do fenômeno. Tomando por base estudos de outras áreas do conhecimento sobre essa temática, foram utilizados quatro conceitos analíticos-comportamentais para realizar essa interpretação: poder, regras, molduras relacionais e coerção. Todos os conceitos se mostraram úteis na análise das variáveis culturais envolvidas no fenômeno descrito como “solidão da mulher negra”.

Palavras-Chave: solidão da mulher negra, questões raciais, gênero, molduras relacionais, poder, coerção

1 Endereço para correspondência: Laboratório de Análise Biocomportamental - LABC - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Av. Professor Melo Moraes, 1721 - Cidade Universitária. CEP: 05508-030. São Paulo-SP. Autora responsável: Táhcita M. Mizael é bolsista de pós-doutorado na Universidade de São Paulo (Processo FAPESP 2020/02548-7). E-mail: tahcitammizael@gmail.com.

2 ORCID:0000-0002-5543-1188.

3 ORCID: 0000-0003-3171-5722.

4 ORCID: 0000-0003-0030-375X.

ABSTRACT

Some studies in the field of Sociology highlight how the experiences generated by the intersection of race and gender generate unique experiences that make up what has been called “Black women’s loneliness”. In summary, Black women report the feeling that they are neglected by men who, in general, prefer to have sexual-affective relationships with White women. This phenomenon is also related to parental abandonment, and the absence of interactions considered significant with other people, being described as feeling “insignificant”. The present study aimed to interpret the “Black women’s loneliness”. To do that, we focused on the possible ontogenetical determinants of this loneliness and highlighted the importance of cultural variables, in this case, racism and patriarchy, to the understanding of such a phenomenon. From a behavioral-analytic perspective, loneliness can be seen as a lack of social reinforcers. It can result from the interruption of the possibility of reinforcement (extinction), as in the abandonment of the father or partner, or from the failure to meet the reinforcement criterion, as in the case of neglect. Although the feeling of loneliness is familiar to every human being, this analysis seeks to highlight social contingencies that selectively establish this feeling in Black women: historical contingencies (sexist and racist cultural practices), in which aversive stimuli are paired with these women, generating escape or avoidance from the possible partners, or the interruption of relationships that were reinforcing. We highlight four topics that can help analyze the determinants of Black women’s loneliness: power, rules, relational frames, and coercion. The behavioral analysis of “power” points out that Black women do not have equitable access to reinforcers and punishers. Since the power is generally in the “hands” of White men, they can use this power to generate rules of conduct about how different individuals must behave to receive reinforcement. These rules are facilitating conditions for sexual-affective neglect to acquire relevant functions in establishing the feeling of loneliness. The rules established in our society by the “powerful” relate being a woman to being a wife, behaving in a certain way, being considered attractive and desirable, etc. Black women have been given a range of negative attributes. It can be said that, as Black women are considered the opposite of White women, and White women are coordinated with fragility, purity, being a good wife, and being beautiful, by derivation, Black women would be considered strong, impure, bad wives, and ugly. All these frames will influence the feeling of loneliness Black women experience. Finally, Goldiamond’s analysis of coercion seems to be an adequate tool in analyzing Black women’s loneliness. The power imbalance, determined by race and gender, erodes the possibility of genuine choices for the less favored parties (i.e., Black women and other oppressed groups). There is a lot to be done by behavior analysts in constructing a more equitable society, one where gender and race (among other social markers) are not determinants of differentiated opportunities for accessing reinforcers.

Keywords: Black women’s loneliness, racial issues, gender, relational frames, power, coercion

De acordo com o IBGE, a cor/raça de um indivíduo é, geralmente, obtida por meio de autoatribuição, podendo ser definida como branca, negra (que inclui a população preta e parda), amarela, indígena ou sem classificação. No Brasil, mais da metade das pessoas (56%) se autodeclararam como de cor ou raça preta ou parda (IBGE, 2019a). Apesar do vasto contingente populacional, pessoas negras são as mais prejudicadas pela desigualdade racial: apresentam maiores taxas de analfabetismo, são maioria das pessoas abaixo da linha de pobreza, ocupam menos cargos de gerência no mercado de trabalho e possuem menor representação política, em comparação com a população branca (IBGE, 2019b). Tais desigualdades estão estreitamente atreladas às práticas culturais racistas presentes no modus operandi da sociedade brasileira (e.g., Hasenbalg & Silva, 1988; Organização das Nações Unidas, 2018).

As desigualdades determinadas pela raça vêm acompanhadas de outras, tais como as que ocorrem em função de gênero e classe social (e.g., Davis, 1981/1983; Saffioti, 2004/2015). Isso significa que a discriminação contra a população negra não é vivida de forma homogênea por todos os pertencentes a esse grupo racial. Por exemplo, ela é diferencial em mulheres, sobretudo das classes economicamente menos favorecidas. Dessa forma, não há como estudar questões raciais sem vinculá-las ao patriarcado e ao capitalismo (Davis, 1981/1983).

Recentemente, surgiram estudos que destacam como as experiências geradas pela intersecção de pelo menos dois desses marcadores sociais, como raça e gênero, geram experiências ímpares que compõem o que se denominou de “solidão da mulher negra”¹. Na literatura sociológica brasileira, o termo “solidão da mulher negra” obteve destaque com a dissertação de mestrado de Claudete Alves da Silva Souza (2008), transformada em livro sob o título de “Virou negra?” (Alves, 2010). Nesse trabalho, a autora examinou a problemática da solidão e afeto de mulheres negras, ainda pouco discutida nos estudos sobre questões raciais.

Embora tenha sido o foco de sua dissertação, Alves (2010) não definiu o fenômeno “solidão da mulher negra”. Buscando suprir essa lacuna, Mizael et al. (2021) realizaram um estudo revisando a literatura em língua portuguesa sobre o tema, com o objetivo de identificar os significados atribuídos a esse termo. Foram encontradas oito publicações sobre o tema (Barbosa & Souza, 2018; Carrera & Carvalho, 2019; Fernandes, 2018; Ferreira, 2018; Goés, 2019; Gregório, 2017; Pacheco, 2013; Souza, 2008) que, dentre as teses defendidas, destacam-se: a raça como fator central que, interseccionado ao gênero, propicia vivências e oportunidades específicas, podendo potencializar a solidão (no caso da articulação “mulher” e “negra”) (e.g., Pacheco, 2013); a permanência dos estereótipos associados às mulheres negras como fundamentais para o estabelecimento e manutenção dessa solidão (e.g., Souza, 2008); e o colorismo² como balizador dos tipos de estereótipos vinculados às mulheres negras e, consequentemente, às possibilidades de parceria afetivo-sexual (e.g., Pacheco, 2013).

Foi identificado que a maioria dessas pesquisas traz o sentimento de solidão, experienciado por mulheres negras, atrelado à presença de relações efêmeras de cunho afetivo-sexual tanto com homens negros quanto com homens brancos. Em resumo, mulheres negras relatam o sentimento de que são preteridas pelos homens que, em geral, preferem se relacionar afetivo-sexualmente com mulheres brancas.

Para além da questão afetivo-sexual, a solidão também foi associada ao abandono parental e à ausência de interações sociais diversas (amizades, relacionamentos íntimos, etc.) significativas com outras pessoas (e.g., ser a única pessoa negra em uma sala de aula e ninguém da sala ser amigo dessa pessoa; ter um relacionamento, mas se sentir insignificante para o parceiro), sendo descrita, em algumas ocasiões, como “não se sentir amada” e “não importar” para ninguém, i.e., sentimento de insignificância.

A solidão é um sentimento que não está restrito a determinada raça ou gênero, mas o estudo sobre a “solidão da mulher negra” ganha crescente interesse pelo fato de que ser mulher e negra potencializa experiências que, embora possam ser encontradas em outros grupos, têm especificidades decorrentes da confluência desses dois marcadores sociais. A compilação das publicações sobre essa temática realizada por Mizael et al. (2021) sugere a necessidade de que mais estudos sejam conduzidos para se ampliar a compreensão das variáveis envolvidas nesse fenômeno.

Sendo o racismo uma prática cultural mantida pelos comportamentos dos indivíduos, pode-se lançar mão de conceitos e princípios da Análise do Comportamento para ampliar as discussões acerca da solidão da mulher negra, divisando seus determinantes e impactos na vida dessas mulheres. Seguindo essa lógica, o objetivo do presente trabalho foi realizar uma interpretação analítico-comportamental da solidão da mulher negra, a partir do exame de possíveis variáveis ambientais, ontogênicas e sobretudo culturais, relacionadas a essa solidão, permitindo uma análise mais abrangente deste fenômeno.

INTERPRETAÇÃO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL DA SOLIDÃO DA MULHER NEGRA

Considerando as informações obtidas no estudo de revisão (Mizael et al., 2021), utilizaremos o termo solidão da mulher negra para descrever o sentimento de “insignificância” que mulheres negras brasileiras experienciam como função de: 1) abandono parental ou do parceiro, 2) preterimento afetivo-sexual, que leva à falta de um parceiro, e/ou 3) ausência de interações consideradas significativas entre essas mulheres e outros indivíduos (e.g., ser a única pessoa negra em um setor da empresa e se sentir isolada).

Embora sejam vistos como fatores causais, sentimentos também são comportamentos (Moore, 2000), sendo, assim como todo comportamento, controlados por contingências ambientais e selecionados nos níveis filogenético e ontogenético, além de cultural (Skinner, 1981). Segundo Skinner (1953/2005), “a condição que o leigo chama de solidão parece ser uma forma leve (mild) de frustração devido à interrupção de uma sequência estabelecida de respostas que foram positivamente reforçadas pelo ambiente social” (p. 165). Dessa perspectiva, podemos interpretar que o abandono do pai ou do parceiro, retratado pelas mulheres nas pesquisas descritas anteriormente, ocasionam a interrupção do reforçamento anteriormente obtido (extinção).

Além disso, o preterimento afetivo-sexual, uma das condições geradoras do sentimento de solidão da mulher negra, pode decorrer de fatores que dificultam

que essas mulheres atinjam os critérios para reforçamento. Por exemplo, ter pele clara, cabelo liso e traços finos – alguns atributos que supostamente aumentariam as chances de a mulher ser eleita como parceira afetiva – são características físicas que podem estar fora do alcance das mulheres negras. Portanto, as características fenotípicas das pessoas negras podem funcionar como estímulos aversivos, condicionados socialmente, que aumentam a chance de esquiva, por parte dos homens, que passam a preferir as mulheres negras nas suas relações afetivas-sexuais “sérias”, em favor das brancas. Da mesma forma, esses mesmos atributos negativos podem controlar outras esquivas, como pessoas, brancas ou não, evitando interagir de maneira significativa (e.g., como amigos ou em relacionamentos íntimos) com essas mulheres. Isso pode acontecer de maneira direta, por conta de características formais (as características fenotípicas dessas mulheres), assim como por via simbólica, a partir da transferência e transformação de funções³ (e.g., Hayes et al., 2001; Sidman, 1994).

Foi identificado que o abandono parental ou do parceiro, o preterimento afetivo-sexual, e a ausência de interações significativas são possíveis conjuntos de contingências de reforçamento e punição, entretanto, é imprescindível que se considere alguns aspectos estruturais da nossa sociedade para o entendimento da frequência dessas variáveis para as mulheres negras. Isto é, uma análise sobre esses comportamentos será mais abrangente se levar em conta os efeitos do racismo e do patriarcado que se articulam com as contingências ontogenéticas que podem levar a esse e outros comportamentos.

Assim, em seguida, apontaremos algumas relações e processos comportamentais que podem auxiliar no entendimento de alguns aspectos estruturais presentes em nossa sociedade, no caso, o racismo e o patriarcado, e que podem auxiliar na análise dos determinantes da solidão da mulher negra.

Desigualdade de Poder e a Solidão da Mulher Negra

Quando falamos sobre racismo⁴ e patriarcado⁵, implicitamente falamos sobre a disparidade de poder entre pessoas brancas e não-brancas, e entre homens e mulheres (e.g., Almeida, 2021; Augoustinos & Reynolds, 2001; Nicolodi & Hunziker, 2021; Saffioti, 2004/2015), sendo o poder definido como o grau de controle que cada indivíduo ou grupo exerce sobre o comportamento do outro, de modo que quem se beneficia mais possui mais poder (Baum, 2017).

Como previamente mencionado, a articulação entre as desigualdades de raça e gênero (além de classe social), mais especificamente entre ser mulher e negra, leva a experiências particulares dessas mulheres em nossa sociedade. Desde o processo de escravização, mulheres negras eram frequentemente estupradas por seus senhores, os quais justificavam tais violências culpabilizando as mulheres negras por terem corpos “irresistíveis” (e.g., Nascimento, 2016). Assim, embora todas as mulheres sejam frequentemente objetificadas em nossa sociedade, a objetificação da mulher negra ocorre de maneira mais intensa e insidiosa, com a hipersexualização do corpo negro (e.g., Collins, 2000). De fato, estudos mostram que, na porno-

grafia, há diferenças nos vídeos com mulheres negras e brancas. Como relatado por Collins (2000):

Na pornografia, todas as mulheres são objetificadas segundo sua raça/etnia. As mulheres negras costumam ser retratadas na pornografia contemporânea de uma maneira que dá continuidade ao tratamento recebido por seus corpos reais ao longo da história. As afro-americanas são geralmente retratadas em situações de servidão e escravidão, tipicamente em atitude submissa, e frequentemente com dois homens brancos. Um estudo com 54 vídeos relevou que ... em comparação com as mulheres brancas, as mulheres negras eram mais frequentemente mostradas de joelhos fazendo sexo oral... as mulheres negras são equiparadas a cobras, associadas a sexo com animais e consideradas incestuosas e apreciadoras do estupro . . . essas configurações lembram os dispositivos da escravidão: correntes, chicotes, colares de ferro, algemas de pulso. (p. 238)

Portanto, historicamente, o papel da mulher negra na sociedade escravocrata brasileira esteve relacionado não apenas às atividades servis de cuidado e manutenção, como também àquelas de cunho sexual. Nos dias atuais, são várias as similaridades entre as atividades profissionais exercidas por mulheres negras comparativamente aos papéis desempenhados por mulheres negras escravizadas durante o período colonial brasileiro: elas constituem a maioria das trabalhadoras domésticas brasileiras (Wentzel, 2018), estão em maior número nos setores de construção, indústria e agrícola (Marli, 2017), além de serem o maior contingente de vítimas de violência sexual (Ribeiro, 2021). Esses dados indicam que, historicamente, a mulher negra vem tendo pouco poder (possibilidade de dispor reforçadores ou punidores relevantes nas relações sociais estabelecidas) para alterar essas condições extremamente prejudiciais a ela.

Um exemplo da relação entre a disparidade de poder e a solidão da mulher negra pode ser visto em mulheres negras que ascenderam socialmente e são a única mulher negra nestes espaços. Tendo menos poder, elas possuem menores possibilidades de alterar as contingências presentes, de modo a ampliar o número de pessoas (ou mulheres) negras nesses espaços, ou até de mudar de emprego, para estarem em um espaço em que não se sintam insignificantes.

Regras Misóginas e Racistas e a Solidão da Mulher Negra

Havendo ganhos diferenciados com essa disparidade de poder, os indivíduos mais “poderosos” elaboram regras de conduta social, ditando o que cada grupo pode ou não fazer, mantendo, com isso, o poder “em suas mãos”. Conforme analisado por Skinner (1953/2005), as agências de controle (governo, religião etc.) se caracterizam pelo estabelecimento de contingências que gerenciam o comportamento de grupos e mantêm o poder nas mãos dos agentes que nelas atuam. Embora gênero e raça não constituam, em si, agências de controle, é fato que essas agências estão, na sua grande maioria, em mãos de pessoas brancas e do sexo masculino. Nessa configuração social, tentativas de mudança das relações de poder são coibidas, perpetuando o desequilíbrio.

Os comportamentos no grupo social dependem basicamente de regras que são estabelecidas por esse grupo ou, mais precisamente, por quem tem poder no grupo, sendo a sua manutenção caracterizada como práticas culturais (Sampaio & Andery, 2010). Regras podem ser conceituadas como estímulos antecedentes verbais que descrevem parte de ou uma contingência (e.g., Paracampo & Albuquerque, 2005). Em nossa sociedade, existe uma série de regras de conduta estabelecidas de maneira implícita ou explícita sobre como homens e mulheres, e pessoas negras e brancas, devem agir para receber reforçamento, sendo geralmente expostas à punição quando não se comportam de acordo com esses enunciados.

Por exemplo, mulheres brancas, magras e com cabelo liso são o padrão de beleza considerado ideal nas grandes mídias. A impossibilidade de ter pele branca, nesse sentido, pode gerar insatisfação corporal nas mulheres negras que tentam, de alguma forma, se adequar aos padrões estéticos. O uso de chapinhas, alisar o cabelo, fazer dieta e, inclusive, utilizar cremes branqueadores tem sido uma tendência ao longo dos anos (e.g., Sundac, 2020). Todas essas tentativas de embranquecimento levam as mulheres negras a, indiretamente, odiarem seus próprios corpos, de modo que, mais cedo ou mais tarde, elas percebem que, mesmo emulando as características do branco, elas nunca serão brancas de fato (Fanon, 1952/2008). Se dar conta disso, em um contexto de uma sociedade racista, leva frequentemente ao adocimento, facilitando o sentimento de solidão.

Nossa sociedade, além de patriarcal (Saffioti, 2004/2015) é também defensora da heterossexualidade (Rich, 2010). Nesse sentido, regras do tipo “uma mulher precisa de um marido⁶” (i.e., se sou mulher, preciso ter um marido), “ninguém quer morrer sozinho” (i.e., se sou adulta, preciso estar casada), entre outras, estabelecem que uma mulher precisa estar sempre em um relacionamento duradouro com um homem para ser bem ajustada socialmente. Caso uma mulher não esteja em um relacionamento deste tipo, sendo adulta, as razões usualmente atribuídas, de acordo com o imaginário social, são a) porque essa mulher é “feia demais” e, portanto, não passível de ser amada, b) porque essa mulher é promíscua, ou c) porque essa mulher é lésbica (e.g., Gonçalves, 2011; dos Santos, 2015). As consequências sociais do não-cumprimento dessas regras são diversas, sendo comuns violências psicológicas como o assédio moral (com frases do tipo: “como assim uma mulher bonita como você ainda está solteira?”; “deve ter algo de errado para você não ter marido com essa idade”), e inclusive violência física, como o “estupro corretivo” e outras violências físicas que atingem em maior proporção mulheres que são consideradas mais “masculinas” (seja por tipo de vestimenta, cumprimento do cabelo, não uso de maquiagem, ou comportamento vocal) (e.g., Carvalho, 2021; Dias, 2020; Moreira, 2018; Vieira, 2020). Além disso, frases do tipo “vai ficar para a titia” possivelmente se tornam estímulos aversivos condicionados, uma vez que ser mulher solteira é considerado algo ruim em uma sociedade patriarcal. Levando em consideração que as mulheres pretas são o maior contingente de pessoas solteiras (e.g., Beltrão, Sugahara, & Teixeira, 2012), essas regras são condições facilitadoras para que o preterimento afetivo-sexual adquira funções relevantes no estabelecimento do sentimento de solidão. E, conforme analisado, elas só são possíveis devido à disparidade de poder entre os gêneros e as raças.

Em suma, racismo e patriarcado, entendidos como práticas culturais cujas bases são a disparidade de poder, constituem contingências históricas para a solidão da mulher negra. Além disso, padrões de beleza eurocêtricos, assim como padrões de conduta feminina ou masculina no que se refere a relacionamentos íntimos, estabelecidos e/ou reforçados no âmbito de regras racistas e misóginas também constituem variáveis culturais importantes nessa análise.

Ampliando o alcance de regras misóginas e racistas: As molduras relacionais na Solidão da Mulher Negra

Outro comportamento operante que pode estar envolvido nesse fenômeno são as molduras relacionais (Hayes et al., 2001). Moldura relacional é o nome dado a classes de respostas relacionais arbitrariamente aplicáveis (RRAA), isto é, padrões de respostas que, em tese, podem ser aplicados arbitrariamente a qualquer conjunto de estímulos. Essas molduras podem ser de diversos tipos, como de coordenação (“A é igual a B”), de oposição (“A é o oposto de B”), de hierarquia (“B está contido em A”), entre outras (e.g., Hayes et al., 2001).

As regras estabelecidas em nossa sociedade pelos “poderosos” relacionam ser mulher com ser esposa, comportar-se de um certo modo com ser considerada atraente e desejável, entre outras. As mulheres negras têm sido estabelecidas uma gama de atributos negativos. Em termos analítico-comportamentais, pode-se dizer que, sendo as mulheres negras consideradas opostas às mulheres brancas, e as mulheres brancas coordenadas com fragilidade, pureza, ser boa esposa, “bela, recatada e do lar”, por derivação, as mulheres negras seriam consideradas fortes, impuras, más esposas, feias, devassas e da rua.

A Teoria das Molduras Relacionais (e.g., Hayes et al., 2001) dialoga com a proposta de Collins (2000), que utilizou o termo “imagens de controle” para descrever a dimensão ideológica do racismo e sexismo (patriarcado). Para além de um estereótipo, as imagens de controle são “a justificativa ideológica que sustenta a continuidade dos sistemas de dominação racistas e sexistas que buscam manter as mulheres negras em situação de injustiça social. São uma forma potente de atacar a assertividade e a resistência de mulheres negras” (Bueno, 2020, p. 78).

Uma herança do período escravista para as mulheres negras brasileiras, além do encargo às atividades servis, é a figura da “mulata” e sua atribuição ao papel de objeto sexual. O termo “mulata”, proveniente do latim *mulus*, cujo significado é “animal híbrido”, surgiu como referência às descendentes de brancos com negros. Com o passar dos anos, sob forte influência do mito da democracia racial, a figura da mulata foi fortemente vinculada à hipersexualização de mulheres negras (e.g., Nascimento, 2016). Nesse contexto, frases como “mulata tipo exportação” e “negra de traços finos” podem parecer, em um primeiro momento, um elogio; entretanto, esses termos demonstram, mesmo que implicitamente, posturas racistas. Mulata tipo exportação é uma frase que afirma que uma mulher negra deveria ser explorada sexualmente no exterior, enquanto negra de traços finos implica que uma mulher só é considerada bonita se tiver alguns traços europeus. Como o racismo é naturalizado no país, frases desse tipo são ditas frequentemente, como se fossem inofensivas ou até mesmo

elogiosas; no entanto, elas auxiliam na manutenção das imagens de controle e, conseqüentemente, da disparidade de poder entre negros e brancos (e.g., Collins, 2000).

Outras “imagens de controle” comumente associadas às mulheres negras são a da mammy, ou mãe preta, mulher negra de pele retinta, considerada assexuada e cuja função é servir, oferecendo cuidados aos filhos de mulheres brancas, cozinhando e limpando. Aqui no Brasil, a mammy seria a empregada doméstica que é “quase da família”. Por sua vez, a imagem de controle da Jezebel, mulher negra de pele clara, é considerada a mulher negra hipersexualizada, a globeleza, de sexualidade insaciável, que “faz” todos os homens traírem suas esposas, pois são “irresistíveis”. A imagem da Jezebel é, até hoje, utilizada para justificar estupros e outros tipos de violência sexual cometidos contra mulheres negras. Por fim, uma imagem de controle também importante, nesse contexto, é a da Sapphire, ou mulher negra raivosa, aquela que é assertiva, que luta pelos seus direitos, que fala “não”. É considerada o oposto dos padrões ocidentais de feminilidade brancos, sendo vista como instável e perigosa; a guerreira que não precisa de cuidado, pois consegue fazer tudo sozinha (Collins, 2000).

Esse conjunto de imagens e molduras relacionais é importante para mostrar como raça e gênero, entre outros marcadores sociais, levam a experiências distintas. Quando falamos da mulher negra raivosa, da mammy ou da Sapphire, estamos falando do estabelecimento de relações de coordenação entre essas imagens e mulheres negras. Além disso, estamos falando de relações de oposição entre mulheres brancas e negras: as primeiras consideradas, de maneira geral, como belas e “para casar” e as últimas consideradas como feias, promíscuas, entre outros atributos negativos.

A partir de uma história na qual relaciona-se mulher negra com servidão, com a pessoa que cuida, mas que não precisa de cuidados, com uma sexualidade irrefreável etc., ao ver uma mulher negra, tais respostas relacionadas a inferiorização e hipersexualização podem ser evocadas. Cor da pele, vestimenta, tipo de cabelo, entre outras características podem servir como dicas contextuais para respostas específicas (e.g., se esquivar, fazer um comentário ofensivo). Além disso, do mesmo jeito que uma mesma topografia de resposta é vista como assertiva se for emitida por um homem, e agressiva, se for emitida por uma mulher (e.g., Caprino, 2017), é comum que mulheres negras sejam consideradas “insolentes” e “raivosas” simplesmente por não adotar uma postura de submissão. Como essas mulheres são coordenadas a comportamentos de submissão, outros tipos de resposta são punidos e tendem a ser vistos como inadequados para essas pessoas.

Um exemplo da relação entre as imagens de controle, molduras relacionais e a solidão da mulher negra pode ser visto no preterimento afetivo-sexual. No estudo de Williams et al. (2020), uma participante negra relatou aos autores do estudo que um rapaz branco que era seu amigo disse a ela “você seria a namorada perfeita se fosse branca”. É possível especular que, nesse exemplo, estabeleceu-se uma relação entre mulher branca e pureza, entre ser branca e ser a esposa ou namorada perfeita, além de uma relação de oposição entre as mulheres brancas e negras, de modo que a participante, a despeito de ter outras características desejáveis para uma relação afetivo-sexual, não era branca e, portanto, seria uma namorada perfeita apenas se fosse branca.

Em resumo, imagens de controle, estabelecidas por regras e/ou por redes simbólicas, também devem fazer parte da análise dos determinantes da solidão da mulher negra, uma vez que mostram possíveis efeitos das relações historicamente estabelecidas entre a população negra e atributos negativos (e suas interseccionalidades), como tornar as próprias características fenotípicas dessas mulheres dicas contextuais para respostas de evitação, entre outras.

Coerção e Solidão da Mulher Negra

Por fim, podemos identificar que essas relações desequilibradas, em função da raça ou gênero, envolvem coerção. A análise sobre coerção feita por Goldiamond (1976) é uma ferramenta heurísticamente útil para a análise dos determinantes da solidão da mulher negra. Para esse autor, a coerção é caracterizada pela impossibilidade de escolha. Esse conceito, oposto ao de liberdade, envolve a consideração das contingências de reforçamento concorrentes que controlam comportamentos de escolha. Dessa perspectiva, quanto maior o número de contingências reforçadoras disponíveis concorrentemente, maior é o grau de liberdade e, portanto, menor o grau de coerção. Para ele, a coerção não ocorre em estado absoluto (e.g., coerção versus não coerção), mas sim em graus: em um contínuo, que em um extremo tem a coerção e em outro a liberdade. Portanto, pode haver diferentes graus de coerção ou de liberdade.

É central nessa proposta de Goldiamond (1976) que tais escolhas sejam “genuínas”, isto é, que atendam ao menos três requisitos: 1) as contingências disponibilizadas devem ser passíveis de serem cumpridas; 2) o indivíduo deve ter repertório comportamental compatível com elas e 3) devem estar presentes as condições que permitam a emissão dos comportamentos requeridos.

Por fim, Goldiamond também destaca que as consequências em análise devem ser críticas, ou seja,

aquelas que, quando tornadas contingentes a algum comportamento em particular, geralmente exercem forte poder de controle - tendo alto valor reforçador quando acrescentadas (e.g., alimento para o faminto) ou quando removidas (e.g., choque elétrico de alta intensidade). Em outras palavras, são consequências que, dadas certas condições ou operações, tendem a ser mais preferidas em situações de escolha. (Fernandes & Dittrich, 2018, p. 32)

No contexto de análise dos determinantes da solidão da mulher negra, pode-se considerar, por exemplo, que as respostas da classe “relacionar-se sexual-afetivamente com homens” podem ser escolhas não genuínas. Isso acontece porque, como citado anteriormente, a sociedade patriarcal em que vivemos estabelece regras tais como “se você é mulher, então precisa ter um relacionamento com um homem”. Além disso, o não seguimento desta regra implica em perda de reforçadores sociais (punição negativa) ou mesmo críticas ofensivas (punição positiva).

Embora atinjam mulheres negras e brancas, essas regras estabelecem escolhas menos genuínas para as mulheres negras na medida que esse grupo carrega toda a carga de prejuízos sociais já citados (menor escolaridade e alternativas de trabalho, entre outros), o que as coloca em situação de menos opções genuínas: menos

homens potencialmente interessados nelas, menos tempo para o relacionamento (devido a maior carga horária para ter um salário equiparado ao das mulheres brancas), maior probabilidade de que dependam financeiramente de um parceiro, em comparação com mulheres brancas.

Podemos utilizar como exemplo a dependência financeira da mulher em relação a um homem (marido ou companheiro), estimulada socialmente pela disponibilização desigual de oportunidade de educação e trabalho em função do gênero e raça. Essa dependência financeira, muitas vezes, torna-se a variável definidora da coerção em relações afetivas abusivas (e.g., Pereira et al., 2018). De fato, nas pesquisas realizadas sobre o tema, surgiram relatos de mulheres negras casadas que relataram o sentimento de solidão em um casamento mantido por contingências coercitivas (e.g., não ter alternativas de sustento próprio ou dos filhos, sem o marido), ao invés de reforçadoras positivas (e.g., Góes, 2019). Nesse sentido, a solidão da mulher negra pode se relacionar à coerção em relações nas quais, mesmo que a mulher tenha um parceiro, a interação não é significativa em termos de tempo despendido com a esposa, por exemplo. Tendo menos escolhas genuínas, apesar de o relacionamento ter poucas contingências reforçadoras positivas, a mulher negra pode não ter liberdade para pedir mudança de comportamento ao parceiro ou até para encerrar o relacionamento.

Assim, pode-se dizer que o desequilíbrio de poder, determinado pela raça e gênero, corrói na base a possibilidade de escolhas genuínas para as partes menos favorecidas. Da mesma forma, regras, molduras relacionais e imagens de controle negativas impedem que essas mulheres tenham escolhas genuínas que gerem reforçadores críticos para a sua sobrevivência física, afetiva e emocional. Nesse sentido, a “coerção” é um conceito tão central quanto o de “poder” na análise dos determinantes da solidão da mulher negra.

Considerações Finais

O objetivo deste texto foi realizar uma interpretação analítico-comportamental da solidão da mulher negra, analisando possíveis determinantes ontogenéticos e sobretudo culturais, como os envolvidos na disparidade de poder entre as raças e os gêneros, nas imagens de controle e molduras relacionais, e na coerção. Na análise das contingências culturais foram salientadas duas estruturas: o racismo e o patriarcado existentes em nossa sociedade. Uma análise que leve em consideração as variáveis culturais é importante, na medida em que 1) evita a culpabilização da própria mulher negra na explicação do sentimento de solidão (acreditar que fez algo para se sentir assim), 2) evidencia que as mudanças propostas devem levar em conta as estruturas sociais e como estas podem se relacionar com comportamentos considerados “déficits comportamentais”, e 3) é mais abrangente, ao não se focar somente em variáveis ontogenéticas, mas sobretudo, na sua articulação com variáveis culturais.

Para finalizar, como pontuam Fernandes e Dittrich (2018):

um analista do comportamento pode agir em diferentes contextos para promover uma expansão dos graus de liberdade comportamental e das possibilidades de escolhas genuínas. O analista do comportamento também pode auxiliar no

delineamento de políticas públicas, para permitir que certos grupos vulneráveis tenham novas oportunidades que, em troca, garantam o acesso a consequências críticas. (p. 17)

Para tanto, é necessário que analistas do comportamento estudem as especificidades da população negra (e.g., histórico de escravização, saúde mental da população negra, estatísticas raciais, privilégio branco, branquitude etc.), bem como a temática das interseccionalidades, especialmente a interação entre raça, classe e gênero, e os determinantes sociais de saúde. Este é apenas um exemplo de como analistas do comportamento podem se tornar agentes ativos na luta por uma sociedade mais equitativa.

REFERÊNCIAS

- Almeida, S. L. (2021). *Racismo estrutural* (7a ed.). Jandaíra.
- Alves, C. (2010). *Virou regra?* Scortecci.
- Augoustinos, M., & Reynolds, K. J. (2001). Prejudice, racism, and social psychology. In M. Augoustinos, & K. L. Reynolds (Eds.), *Understanding prejudice, racism and social conflict* (pp. 1-23). Sage Publications.
- Barbosa, K. G., & Souza, F. N. (2018). A solidão das meninas negras: Apagamento do racismo e negação de experiências nas representações de animações infantis. *Revista ECO-Pós*, 21(3), 75-96. <https://doi.org/10.29146/ecopos.v21i3.20239>
- Baum, W. J. (2017). *Understanding behaviorism: Behavior, culture and evolution* (3a ed.). John Wiley & Sons.
- Beltrão, K. I., Sugahara, S., & Teixeira, M. P. (2012, novembro 10-23). *Os atributos de cor/raça e escolaridade no mercado matrimonial brasileiro*: Meio século de negociações. [Apresentação]. XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP). Águas de Lindóia. São Paulo – SP. <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1979/1937>
- Bueno, W. (2020). *Imagens de controle: Um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins*. Zouk.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira.
- Caprino, K. (2017, 15 de junho). *Gender bias at work: Why men call forceful women 'hysterical' and try to silence them*. Forbes. <https://www.forbes.com/sites/kathycaprino/2017/06/15/gender-bias-at-work-why-men-call-forceful-women-hysterical-and-try-to-silence-them/#3a690ea3ea2a>
- Carrera, F., & Carvalho, D. (2019, junho 11-14). *Algoritmos racistas: Uma análise da hiper-ritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais*. [Apresentação]. XXVIII Encontro Anual da Compós, Porto Alegre – RS. <https://proceedings.science/compos/compos-2019/papers/algoritmos-racistas--uma-analise-da-hiper-ritualizacao-da-solidao-da-mulher-negra-em-bancos-de-imagens-digitais>

- Carvalho, K. (2021, 05 de maio). *Homem acusado de estuprar jovem lésbica para ela 'gostar de homem' é condenado*. Observatório G. <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/homem-acusado-de-estuprar-jovem-lesbica-para-ela-gostar-de-homem-e-condenado>
- Cashmore, E. E. (1988). *Dictionary of race and ethnic relations* (2nd. ed.). Routledge.
- Catania, C. (1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição* (4a ed.). Artes Médicas.
- Collins, P. H. (2000). *Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment* (2rd ed.). Routledge.
- Davis, A. Y. (1983). *Women, race and class*. Vintage Books Edition. (Trabalho original publicado em 1981)
- Dias, S. (2020, s/d). *Homem é condenado por se fingir de gay e estuprar mulher lésbica*. Observatório G. https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/homem-e-condenado-por-se-fingir-de-gay-e-estuprar-mulher-lesbica?utm_source=amp&utm_medium=entry_footer&utm_campaign=conteudo_relacionado
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. EDUFBA (Trabalho original publicado em 1952)
- Fernandes, E. G. (2018). *A cor do amor: O racismo nas vivências amorosas de mulheres negras*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Rondônia. Rondônia.
- Fernandes, R. C., & Dittrich, A. (2018). Expanding the behavior-analytic meanings of “freedom”: The contributions of Israel Goldiamond. *Behavior and Social Issues*, 27, 4-19. <https://doi.org/10.5210/bsi.v27i0.8248>
- Góes, E. D. A. (2019). *Intersecções entre a violência doméstica contra a mulher negra e as configurações afetivas: Condicionantes históricos, políticas públicas e impactos sociais no sul da Bahia*. [Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Sul da Bahia]. Programa de Pós-graduação em Estado e Sociedade. <https://sig.ufsb.edu.br/sigaa/verArquivo?idArquivo=380926&key=07ef146a3aaf84d488ef01c7913bf108>
- Goldiamond, I. (1976). Protection of human subjects and patients: A social contingency analysis of distinctions between research and practice and its implications. *Behaviorism*, 4(1), 1-41. <https://www.jstor.org/stable/27758852>
- Gonçalves, E. (2011). Novas solteiras: Ecos do feminismo na mídia brasileira. *Cadernos de Pesquisa*, 41(142), 162-187. <https://www.scielo.br/j/cp/a/z3NzpD-TRDxr3mK93LqbHy6s/?format=pdf&lang=pt>
- Gregório, J. F. F. (2017, setembro 27-29). *A solidão da mulher negra encarcerada*. [Apresentação]. III Seminário Internacional de Pesquisa em Prisão. Recife – PE. <https://elasistem.files.wordpress.com/2017/10/a-solidc3a3o-da-mulher-negra-encarcerada.pdf>
- Hasenbalg, C. & Silva, N. V. (1988). *Estrutura social, mobilidade e raça*. Vértice.
- Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D., & Roche, B. (2001). *Relational Frame Theory: A post-Skinnerian account of human language and cognition*. Plenum Press.

- Hrabovský, H. (2013). The concept of “blackness” in theories of race. *Asian and African Studies*, 22(1), 65-88. https://www.sav.sk/journals/uploads/112415234_Hrabovsky.pdf
- Hunziker, M. H. L. (2011). Afinal, o que é controle aversivo? *Acta Comportamentalia*, 19(4), 9-19. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-81452011000400006
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019a). *Conheça o Brasil – População: Cor ou raça*. <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019b). *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil*. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf
- Marli, M. (2017, 17 de novembro). *Pretos ou pardos são 63,7% dos desocupados*. Agência IBGE Notícias. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18013-pretos-ou-pardos-sao-63-7-dos-desocupados.html>
- Mizael, T. M., Barrozo, S. C. V., & Hunziker, M. H. L. (2021). Solidão da mulher negra: Uma revisão da literatura. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as*, 13(38), 212-239. <https://doi.org/10.31418/2177-2770.2021>
- Mizael, T. M., Castro, M. S. L. B., & Dittrich, A. (2021). Uma interpretação analítico-comportamental do colorismo e de suas implicações clínicas. *Acta Comportamentalia*, 29(4), 65-81. <http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/80314>
- Moore, J. (2000). Thinking about thinking and feeling about feeling. *The Behavior Analyst*, 23(1), 45-56. <http://dx.doi.org/10.1007/BF03391998>
- Moreira, J. (2018, 14 de março). *Assédio no trabalho: O que fazer quando o machismo senta ao lado?* Nós – Mulheres da Periferia. <https://nosmulheresda-periferia.com.br/noticias/assedio-no-trabalho-o-que-fazer-quando-o-machismo-senta-ao-lado/>
- Nascimento, A. (2016). *O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado* (3a ed). Perspectivas.
- Nicolodi, L., & Hunziker, M. H. L. (2021). O patriarcado sob a ótica analítico-comportamental: Considerações iniciais. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 17(2), 164-175. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v17i2.11012>
- Organização das Nações Unidas – Brasil (2018). *Desigualdades raciais no Brasil comprometem oportunidades de trabalho e desenvolvimento humano. ONU Brasil*. <https://nacoesunidas.org/desigualdades-raciais-no-brasil-comprometem-oportunidades-de-trabalho-e-desenvolvimento-humano/>
- Pacheco, A. C. L. (2013). *Mulher negra: Afetividade e solidão*. EDUFBA.
- Paracampo, C. C. P. & Albuquerque, L. C. (2005). Comportamento controlado por regras: Revisão crítica de proposições conceituais e resultados experimentais. *Interação em Psicologia*, 9(2), 227-237. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v9i2.4798>
- Pereira, D. C. S., Camargo, V. S., & Aoyama, P. C. N. (2018). Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático.

- Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 20(2), 6-22. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v20i2.1026>
- Piscitelli, A. (2002). Recriando a (categoria) mulher? In L. Algranti (Org.), *A prática feminista e o conceito de gênero* (pp. 7-42). IFCH-Unicamp.
- Ribeiro, B. (2021, 18 de maio). *18 de maio: Crianças negras são as principais vítimas de violência sexual no Brasil*. CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades. <https://ceert.org.br/noticias/crianca-adolescente/44059/18-de-maio-criancas-negras-sao-as-principais-vitimas-de-violencia-sexual-no-brasil>
- Rich, A. (2010). Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos gays, gêneros e sexualidades*, 4(5), 17-44. http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01_rich.pdf
- Saffioti, H. B. (2015). *Gênero, patriarcado e violência*. Fundação Perseu Abramo. (Trabalho original publicado em 2004)
- Sampaio, A. A. S., & Andery, M. A. P. A. (2010). Comportamento social, produção agregada e prática cultural: Uma análise comportamental de fenômenos sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 183-192. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100020>
- Santos, I. C. L. dos (2015). “Mulher solteira procura”: Um estudo em torno da solteirice na representação social feminina. *Polêmica Revista Eletrônica*, 14(1), 1-22. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/14263/10803>
- Sidman, M. (1994). *Equivalence relations and behavior: A research story*. Authors Cooperative.
- Souza, C. A. S. (2008). *A solidão da mulher negra: Sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/3915>
- Skinner, B. F. (2005). *Science and human behavior*. The B. F. Skinner Foundation. (Trabalho original publicado em 1953)
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 2013(4507), 501-504. <https://doi.org/10.1126/science.7244649>
- Sundac, M. (2020, 28 de Agosto). *Tudo que você precisa saber sobre o movimento contra o clareamento de pele*. Vogue Brasil. <https://vogue.globo.com/beleza/pele/noticia/2020/08/tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-o-movimento-contra-o-clareamento-de-pele.html>
- Vieira, B. M. (2020, 07 de Dezembro). *Quarenta por cento das mulheres dizem que já foram xingadas ou ouviram gritos em ambiente de trabalho contra 13% dos homens, diz pesquisa*. Portal G1. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/12/07/40percent-das-mulheres-dizem-que-ja-foram-xingadas-ou-ouviram-gritos-em-ambiente-de-trabalho-contra-13percent-dos-homens-diz-pesquisa.ghtml>

- Wentzel, M. (2018, 16 de Fevereiro). *O que faz o Brasil ter a maior população de domésticas do mundo*. BBC Brasil. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953>
- Williams, M. T., Skinta, M. D., Kanter, J. W., Martin-Willett, R., Mier-Chairez, J., Debreaux, M., & Rosen, D. C. (2020). A qualitative study of microaggressions against African Americans on predominantly White campuses. *BMC Psychology*, 8(1), 1-13. <https://doi.org/10.1186/s40359-020-00472-8>

(Received: January 07, 2022; Accepted: September 25, 2022)

Notas

- 1 Neste trabalho, embora não desconhecamos a complexidade das conceituações “mulher” e “negra”, estamos adotando o critério de sexo assignado no nascimento para a denominação de “mulher” (critério escolhido com base na literatura consultada), e a autoclassificação racial, citada inicialmente, para a denominação de “negra” (para uma análise da complexidade dessas denominações, ver, por exemplo, Butler, 2003; Cashmore, 1988; Hrabovský, 2013, e Piscitelli, 2002).
- 2 De acordo com Mizael et al. (2021), o colorismo “se refere a contingências sociais nas quais o tom da pele de uma pessoa é variável antecedente relevante que sinaliza a probabilidade de ocorrência ou o grau de disponibilidade de determinadas consequências para esta pessoa bem como, portanto, o custo de resposta exigido para acessá-las” (p. 73). É importante destacar também que o colorismo é uma consequência do racismo, e não um fenômeno independente deste.
- 3 Sobre a possibilidade de interação entre pessoas negras, ser negro não isenta um indivíduo de reproduzir comportamentos racistas, uma vez que as pessoas negras também são parte da cultura, podendo reproduzir padrões comportamentais aprendidos ao longo de suas histórias de vida.
- 4 “Uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencam” (Almeida, 2021, p. 32).
- 5 Uma hierarquia entre homens e mulheres que existe há milênios, e que estabelece uma estrutura de poder que deixa as mulheres em uma posição inferior aos homens em praticamente todas as esferas da vida social (Saffioti, 2004/2015).
- 6 “Também existe a regra de que “todo homem precisa de uma mulher”. Entretanto, como o conjunto de contingências sociais para homens e mulheres é bem diversificado e, frequentemente, mais prejudicial às mulheres” (Nicolodi & Hunziker, 2021), aqui abordaremos algumas regras estabelecidas para as mulheres, sem que isso signifique que regras sociais não se apliquem aos homens.